

Educação, economia e cidadania

Jorge Manhães*

Sob o título de "Em busca de otários", o management Clemente Nóbrega, executivo há doze anos, faz um testemunho sobre a peculiaridade da Administração como área de conhecimento.

Com o ceticismo próprio de quem lida com a ciência, em especial na área de exatas, Nóbrega demonstra seu desconforto acadêmico por não encontrar, na Administração, um corpo de idéias consistente e a estranheza pela falta de produção acadêmica, num período tão fértil de mudanças para, depois, se render às circunstâncias humanas e sociais dessa ciência, convertendo-se à nova profissão.

Concluimos pela vocação contingencial de uma área de conhecimento que lida com as pessoas em grupo. Se as pessoas não nascem com manual do usuário, imagine compor, técnica e politicamente, com grupos de pessoas e suas circunstâncias.

Na administração, costumamos dizer que essa é a habilidade de governar. Administramos coisas e governamos pessoas.

Essa miopia temporária do Nóbrega é compreensível, considerando-se sua origem acadêmica, entretanto, é incompatível com o papel político e social dos executivos que formam o mundo dos negócios.

A economia global deixa o mercado e a sociedade extremamente nervosos e sensíveis. Hoje, a decisão de um governador de estado no Brasil, influencia o mercado financeiro mundial. Enquanto isso, trabalhadores desempregados de diversos setores da economia se desesperam, ocupam fábricas para forçar a readmissão, tentam suicídio... A falência fecha portas e postos de trabalho, ou seja, este segmento da sociedade fica excluído do processo econômico e do merca-

do, não produz nem consome.

Deixa de gerar riqueza para gerar problemas sociais e a gente começa a perder a referência da verdadeira razão de existência do mundo: as pessoas ou os negócios e as organizações?

Na verdade, há que se entender, definitivamente, o capitalismo como paradigma e componente do processo humano. Não há espaço para romantismo e ingenuidade. A economia move a sociedade e dela se mantém e ambas estabelecem, entre si, uma relação simbiótica que exige a identificação do ponto inteligente que proporcione o crescimento mútuo e recíproco, a prosperidade e a qualidade social.

A condição para que se desempenhe uma atividade econômica é o mercado e a condição para a existência do mercado próspero é o equilíbrio da sociedade. O excluído não produz nem consome, repito. Essa visão holística não prescinde de posturas e práticas estruturais que conduzam as empresas a um desempenho que, a médio e longo prazos, preservem a continuidade do processo humano, que contém os processos econômico, político e social, como mecanismos de sobrevivência, convivência e prosperidade.

O alcance desse estágio exige o entendimento da responsabilidade social das empresas como política prioritária, como ocorre com a centenária C & A que, através de política desenvolvida a partir da cultura instalada por seus criadores (Revista Exame de 13 Jan. 99), coíbe a deterioração social mediante suas práticas internas e condições impostas aos seus fornecedores, para manter relações de negócios. Como mencionado anteriormente, não há espaço para romantismo e ingenuidade e, como resultado dessa postura, constatamos a longevidade da C & A, o fortalecimento de sua imagem e a obtenção de atitude de qualidade de seus funcionários,

fundamentalmente, no momento da verdade, quando em contato direto com o cliente, porque passaram a entender de gente, a perceber o funcionamento da sociedade e a relação do seu trabalho com o processo social.

Haveriam muitas alternativas como opção das empresas para exercitarem sua responsabilidade social. Uma delas, entretanto, se realça por sua abrangência e capacidade propulsora e transformadora: a educação.

A educação é inadiável. A educação que está acontecendo agora influenciará na definição do futuro dessa geração de educandos, com desdobramentos importantes em todas as suas relações sociais. E serão esses educandos que constituirão as empresas com suas capacidades de desempenho. As empresas e a economia estarão à mercê de uma geração de formação duvidosa.

O sistema educacional nem sempre consegue corresponder à demanda social, no que se refere aos papéis político, social, pedagógico e econômico da educação. Como integrar, complementarmente, as funções da educação e da economia, se a educação atua dentro de um contexto de pedagogia sonhadora (ela por ela mesma), uma educação penalizada pela economia, pelo Estado e pelo sistema, sem conseguir fazer-se prioridade, para ser competente?

Este quadro impõe uma intervenção urgente e radical no sistema educacional. Aguardar a reação dos governos não parece alternativa promissora. Todos se anunciam falidos. Mas a educação é inadiável...

É a hora de se deflagrar o processo da EDUCAÇÃO CIDADÃ.

A educação cidadã é a educação consequente, para o sistema que a contextualiza, para a sociedade, para a Pátria. Requer uma nova postura dos dirigentes educacionais, uma nova abordagem pedagógica, sintonizada na de-

manda social e uma escola, acima de tudo, prazerosa.

Não cabem mais os dirigentes educacionais preocupados apenas com os jardins, ponto dos professores, diário de classe e regulamentos. A sociedade precisa de dirigentes educacionais que tenham propostas políticas, visão de mundo traduzidas em propostas pedagógicas.

Dirigentes educacionais que sejam gestores de suas escolas, que não se eximam das posturas exigidas pelo mundo competitivo da economia global.

Diante desse imperativo, compete à sociedade civil organizada, em especial às empresas, a iniciativa de interferir no sistema educacional, promover a formação gestora dos dirigentes educacionais e, por fim, colocarem as escolas no contexto da sociedade moderna.

Pretende-se, dessa forma, atribuir empregabilidade ao estudante, conferindo-lhe melhores condições de trabalho e vida, atualizar sua formação e desempenho profissionais, de tal forma que, na passagem de um posto de trabalho para outro, não caia nas malhas do desemprego e da exclusão social.

Espera-se com a escola consequente, a redução dos investimentos com a capacitação dos empregados e dirigentes. Espera-se da escola consequente e prazerosa a condição estrutural para um País competitivo, nos mercados interno e externo.

Sobretudo, espera-se da escola consequente, prazerosa e atualizada com seu contexto, que o Brasil se mantenha entre as maiores economias do mundo mas que, melhore muito no ranking do padrão de vida, onde ocupa a desconfortável e vergonhosa 62a posição, incompatível com sua 8a. economia.

Para tudo isso, não basta decidir é preciso ação.

* Consultor de Empresas da AgriCon Consultoria